

Discurso de Tomada de Posse

Prof. Doutor António Sampaio da Nóvoa
Reitor da Universidade de Lisboa

21 de Maio de 2009

Agradeço a vossa presença nesta Aula Magna num “dia grande” da Universidade de Lisboa. Conclui-se hoje uma fase dura, excessivamente longa, de debates e estatutos. Orgulhamo-nos do contributo que demos, como Universidade, para criar dinâmicas de mudança, mesmo quando a lei e os costumes nos convidavam a deixar quase tudo como estava.

Devo uma palavra de agradecimento aos membros do Conselho Consultivo e das diversas assembleias estatutárias, aos membros dos órgãos de governo das Faculdades e à equipa reitoral, a todos aqueles que lealmente e pensando apenas no bem comum ajudaram a atravessar um período difícil na nossa vida institucional.

“O que faz uma Universidade não são as coisas – são as pessoas” – recordou o Reitor Marcello Caetano na inauguração deste edifício, em 1961, acrescentando que ele se situa defronte dos campos de Alvalade onde, outrora, a Rainha Santa terá logrado evitar a guerra civil. A lenda merece ser verdadeira, pois abraça um princípio de concórdia tão necessário à vida da Universidade.

A história que me interessa não é a que fecha (a que nos fecha), mas sim a que abre para novas possibilidades. O que lá vai, lá vai – é do futuro, e apenas dele, que vos quero falar. O *homo viator* descansa apenas o tempo necessário, pois é caminhando que ele se encontra e vai dando sentido à sua acção.

Caminhemos, pois! Abrindo horizontes. Não nos deixando abater pelas dificuldades, antes buscando nelas a força, a criatividade, a imaginação, que tanta falta nos fazem.

A pergunta é uma e só uma: O que é que eu posso fazer, o que é que nós podemos fazer, para construir uma universidade melhor, uma universidade que esteja à altura da sua história, uma universidade que cumpra plenamente a sua missão?

Esta é a pergunta a que temos de responder e pela qual devemos prestar contas. “Que a vida não é outra, senão a que fazemos, (e a vida é uma só)” – como escreve Alexandre O’Neil.

O nosso **primeiro compromisso** assenta num conceito novo de serviço público, de responsabilidade pública. No plano internacional e no plano nacional.

A internacionalização é o traço que distingue o Programa de Acção deste mandato reitoral. Sem o deslumbramento e a admiração pelos grandes meios – “Um parisiense não admira

Paris; gosta de Paris” (Fernando Pessoa) – mas com a convicção de que as marcas fortes do pensamento, da arte e da cultura vão sempre muito além das fronteiras nacionais.

O melhor da universidade está na sua abertura ao mundo. E esta abertura começa, desde logo, na defesa da língua portuguesa, da nossa cultura. É também por aqui que se constrói a internacionalização que há-de aprofundar os nossos laços com África e o Brasil, com a Europa e os Estados Unidos, com a China e a Índia; e que há-de trazer estes países para o nosso convívio intelectual e humano.

Uma cooperação que deve ser feita entre universidades, certamente com o apoio das entidades oficiais, mas sem governamentalizar acordos e parcerias internacionais.

A projecção no mundo organiza-se a partir da nossa presença em Lisboa: tudo nos liga a esta cidade, que queremos, cada vez mais, cidade universitária, cidade do conhecimento, Cidade Erasmus.

Para isso temos trabalhado com a Câmara Municipal, com as outras universidades de Lisboa, com o Instituto Politécnico, parceiros no projecto de repensar a rede do ensino superior na capital. Queremos que a dimensão universitária seja central na vida de Lisboa, na sua cultura, na sua arte, na habitação, no lazer, no modo como as pessoas sentem e vivem a cidade. É este o desígnio das grandes capitais europeias. É este o futuro de Lisboa.

Um **segundo compromisso** – mais do que um compromisso – a razão de ser da Universidade são os estudantes. A nossa responsabilidade maior é com uma educação humanística e científica geral, uma educação superior que inclui a aprendizagem da participação, da cooperação e do diálogo. Não há universidade sem vida associativa, sem experiências artísticas, sem actividades desportivas e culturais.

Temos o dever de proporcionar a todos um ambiente rico e estimulante. Porque os anos de Universidade são um tempo marcante das nossas vidas. E não podem ser um tempo perdido. Na ambição de cada um, o projecto de todos.

Nesta sala, vejo, com orgulho, antigos estudantes da Universidade. São homens e mulheres que se têm destacado na sociedade portuguesa. A vossa reputação, o vosso prestígio, são os nossos. Porque – como bem diz a Reitora de Harvard – a prestação de contas mais importante a que estamos obrigados é com o futuro, é com a qualidade da educação superior que conseguirmos proporcionar a todos os estudantes.

As áreas estratégicas constituem a principal novidade dos Estatutos da Universidade de Lisboa. Elas permitirão ir além de fronteiras rígidas e alicerçar o trabalho académico em grandes áreas do saber. E assim inscrever as artes, as humanidades e as ciências como dimensões insubstituíveis da formação universitária. Mas as áreas estratégicas serão também o embrião das “escolas doutorais”, de programas de pós-graduação de excelência que já estamos a dinamizar em colaboração com os nossos parceiros nacionais e internacionais.

O **terceiro compromisso** é com a criação científica. Precisamos de mais ciência na universidade, e de mais universidade na ciência. Precisamos de pôr fim a uma lógica dual, que tem prejudicado o desenvolvimento de universidades fortes, centradas na investigação.

O discurso da “especificidade portuguesa” serve sempre para proteger interesses ou para justificar o que não tem justificação. Adoptemos as práticas habituais em toda a Europa. Sem habilidades. Sem artifícios. As universidades devem ser responsabilizadas pela totalidade dos meios e recursos que são postos à sua disposição, no ensino e na investigação.

Há, certamente, diferentes perfis de investigador-professor e de professor-investigador. Devemos cultivar a diversidade de missões e de vocações. E respeitar a autonomia e a capacidade de iniciativa. Mas não há universidades, por um lado, e institutos de investigação, pelo outro. Não. A instituição universitária é una na sua diversidade e incindível na sua missão.

Vale a pena, por isso, recordar os sessenta anos do Prémio Nobel atribuído ao Professor Egas Moniz. O seu exemplo ajuda-nos a projectar uma ciência baseada na descoberta, que vive nas fronteiras do conhecimento, que se organiza no trabalho persistente, que se alimenta da ousadia e da imaginação. É na simbiose entre a ciência e o ensino que se define o futuro da universidade.

A modernização da gestão é o **quarto compromisso**. Nada será como dantes. Respeitaremos a dinâmica estatutária que consagrou importantes orientações nesta matéria, designadamente no que diz respeito a um sistema unificado de informação e à criação de um Centro de Recursos Comuns e Serviços Partilhados.

São medidas que tornarão mais eficiente a gestão da Universidade, permitindo libertar os responsáveis das Faculdades, e os seus docentes e investigadores, para as tarefas que lhes competem, aprofundando uma autonomia que se deve exercer, fundamentalmente, no plano científico e pedagógico. E tudo isto num quadro rigoroso de avaliação e de garantia da qualidade, condição indispensável concretizar os processos de mudança.

*

* *

São estes os principais compromissos do Programa de Acção que desenvolverei em conjunto com os colegas que aceitaram participar comigo na direcção da Universidade. Agradeço a vossa confiança, a vossa solidariedade. Tenciono ainda proceder à nomeação de um Vice-Reitor, para as áreas económicas e de gestão, e de dois Pró-Reitores que tragam a experiência dos estudantes e do pessoal não-docente para o governo da Universidade, ocupando-se num caso dos “assuntos estudantis” e, no outro, do “centro de recursos comuns”.

O agradecimento que dirijo à equipa reitoral é extensivo, escusado será dizer, ao Senado, aos novos Directores e órgãos de governo das Faculdades, a todos os membros da comunidade universitária que, de um ou de outro modo, assumem responsabilidades institucionais nesta fase nova da vida da Universidade.

É graças ao vosso trabalho, à vossa dedicação e competência, que será possível reforçar a presença da Universidade de Lisboa na sociedade portuguesa e no espaço europeu do ensino superior, na cidade de Lisboa e na ciência internacional.

Uma palavra especial para o Conselho Geral que me elegeu através de um processo exemplar e que acaba de aprovar, por unanimidade, o meu **Plano de Acção para o Quadriénio 2009|2013**. Sei que posso contar com o vosso apoio e a vossa dedicação à causa universitária. Nas palavras que hoje me foram dirigidas pelo Presidente do Conselho Geral, Dr. Henrique Granadeiro, encontro a força e o ânimo para iniciar uma “vida nova”, a vida nova de que tanto necessitamos na Universidade de Lisboa.

O que é que eu posso fazer, o que é que nós podemos fazer, para construir uma universidade melhor? Foi esta a pergunta a que procurei responder perante vós, perante o Professor Decano, perante os Reitores que me precederam nesta missão (e que sempre me têm distinguido com palavras amigas e conselhos).

Sabemos que não será fácil o nosso **futuro presente**. Mas é nos momentos difíceis que nasce o melhor de cada um de nós, que nasce o melhor das sociedades. Não podemos ser ingénuos. Mas denunciar as ilusões não significa renunciar à esperança.

“Rebenta-me no peito uma esperança | Tão lúcida, tão viva, e tão ungida” – assim disse António Botto, falecido há 50 anos.

O país pode contar com a Universidade de Lisboa. Com a sua vivacidade. Com o poder das suas ideias, esperando que elas influenciem as ideias do poder. Com liberdade e independência, com espírito crítico, que é o melhor que temos para dar à sociedade portuguesa num tempo em que tudo precisa de ser repensado e reinventado.

O país sabe que a Universidade de Lisboa assume plenamente as suas responsabilidades públicas. Para o provar, aí está o Programa **UL 2009 – Consciência Social** que acabámos de lançar esta semana e para o qual pedimos a colaboração de todos.

“ O que faz uma universidade não são as coisas – são as pessoas”.

Queremos convocar os cidadãos para um mundo economicamente mais justo, politicamente mais democrático, ecologicamente mais sustentável (Frei Betto). Portugal precisa de instituições fortes e credíveis, que ajudem a pensar o país e a rasgar caminhos que hoje parecem bloqueados.

Olho o futuro com confiança. Não tenho certezas. *“Quem não está confuso corre o risco de estar enganado, pior, de se estar a enganar”* (Pedro Paixão). Mas tenho convicções. E, sobretudo, tenho a determinação de quem não quer perder mais tempo.

As universidades precisam de uma mudança profunda. Mas esta mudança só terá lugar, consistentemente, se as instituições forem reforçadas na sua autonomia, na sua capacidade de transformação, nas suas lideranças. Porque sem universidades fortes e inovadoras Portugal não tem futuro.

Aqui me têm, de corpo inteiro, de coração inteiro, ao serviço da Universidade.

Vamos a isto...